

LUX JORNAL Diário Catarinense – Florianópolis - SC Publicado: 28/01/2001	298	190	
		1699	0

UNIVERSIDADE

Vida nova para os Kaingang

Primeiros formandos da Cacique Vankré se destacam na Unoesc e em Palmas

DARCI DEBONA
IPUAÇU

Sete alunos da escola indígena Cacique Vankré localizada na aldeia Xaçecó, em Ipuaçú, estão entre os novos universitários. Eles fazem parte da primeira turma de ensino médio formada na escola. Dos 14 formados, 10 prestaram o concurso. Os aprovados são Jonatas de Oliveira (Análise de Sistemas, em Palmas, PR), Dirceu Prudente (Matemática, Palmas), Ana Márcia Gonçalves (Biologi, Palmas), Librantina Belino Xetá (Pedagogia, na Unoesc, em Xanxerê), Alcione Belino (Pedagogia, na Unoesc), João Carlos dos Santos (Educação Física, Unoesc) e Sirlei Alves de Assis (Letras, Palmas). Silmara Correa da Silva prestou vestibular na Universidade do Contestado, em Concórdia, e aguarda resultado.

Os nomes foram conferidos pela Internet, instalada no segundo semestre do ano passado na escola. O custo das mensalidades deverá ser bancado com recursos da Fundação Nacional do Índio (Funai).

Ana Márcia vai fazer o curso em módulos. Ela permanecerá uma semana em Palmas, distante 86 quilômetros de Ipuaçú, e outras duas semanas na aldeia. A estudante está ansiosa pelo início das aulas, no dia 12 de fevereiro. A jovem indígena, de 18 anos, sem quis entrar na universidade. “Acho que vai ser bem legal” disse. Ana Márcia pretende aprender tudo o que for necessário para exercer a profissão na aldeia. “Não tem ninguém para se ocupar disso aqui na aldeia”, explicou. Ana Márcia sente orgulho de ser uma representante da aldeia num curso de ensino superior.

Ela agradece o apoio recebido e espera se dedicar bastante para retribuir. Também pretende transmitir um pouco da cultura indígena se os seus futuros colegas demonstrarem interesse.

Librantina Belino Xetá e sua sobrinha Alcione Belino, que passaram em Pedagogia, na Unoesc de Xanxerê, ainda estão com um certo receio de enfrentar um curso universitário. Elas temem ser discriminadas. “Algumas pessoas não gostam da gente, mas discriminação dá cadeia”, afirmou Librantina.

Librantina espera que seus novos colegas aceitem as pessoas como elas são e não como querem que sejam. Ela afirmou que muitos pensam que os índios são sujos e que falam sem conhecer a realidade.

Librantina relatou que os indígenas se consideram iguais, independente de alguém ter uma casa melhor ou mais móveis que os outros. Ela destaca que muita gente não levava fé na escola indígena, mas que o esforço de todos provou a qualidade do ensino e o potencial dos alunos. “Tapamos a boca de muita gente”, ressaltou.

Na faculdade Librantina espera fazer amizades e conhecer gente nova, além de se dedicar aos estudos para futuramente dar aula de Português na aldeia.

Alcione também pretende fazer amizades novas, pois sempre ficou na aldeia. Ela quer aprender muitas coisas para depois repassar para seus colegas Kaingang. Também quer provar que os índios não têm dificuldade em aprender e podem ter desempenho igual a qualquer pessoa.

A única dificuldade que Librantina e a sobrinha Alcione vão enfrentar é o custo do transporte diário de Ipuaçú até Xanxerê. Também terão que se adaptar à nova rotina e ainda dar atenção às famílias. Alcione tem 19 anos, é casada, sem filhos. Librantina tem 33 anos, é casada e tem duas filhas. Ela afirma que a família é a coisa mais importante para os índios e por isso não quer abandonar os serviços da casa. Mas depois de ter interrompido os estudos por mais de 10 anos não quer mais parar. “Quero ser um exemplo da capacidade que o índio tem”.

LUX JORNAL

Diário Catarinense – Florianópolis - SC

Publicado: 28/01/2001

	13/19	6

Tia e sobrinha querem trabalhar na aldeia. Librantina afirmou que além da dificuldade em se adaptar fora da sua comunidade acredita que seria difícil conseguir emprego por ser indígena.

O desafio delas é mostrar que indígenas também são atualizados, têm conhecimento, mantêm sua cultura e podem ensinar sobre convivência social a outros povos.